



Tradição e cultura como estratégia de concorrência dos jornais impressos: um estudo de caso

Beatriz Dornelles¹

Docente e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Resumo: Apresentamos um estudo de caso sobre a editoria de Polícia do jornal impresso *Em Questão* (EQ), de Alegrete (RS), com base na Teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão. O universo da pesquisa considerou 15 jornais regionais. Para selecionar o objeto de estudo, consideramos quatro edições de cada jornal, publicadas em 2018, alternando mês e semana. Realizamos uma análise temática do conteúdo de cada edição, segundo proposta de Bardin (2006), tendo como categoria de análise a representação da cultura local, a partir do vocabulário utilizado nas reportagens policiais, por ser uma das sessões mais procuradas pelos leitores, conforme pesquisas feitas pelos proprietários dos jornais com seus leitores, o que é uma tradição no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Linguagem popular. Jornalismo no interior. Jornal impresso.

1. Introdução

¹ Professora titular do programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado pela Universidade Fernando Pessoa/PT. E-mail: biacpd@puccrs.br.

Temos observado mudanças radicais na prática jornalística dos impressos, bem como da transição desses para a publicação em sites, portais ou blogs. Nossos estudos sobre os jornais do interior no Brasil já alcançam 30 anos, abordando diferentes aspectos. Nesta pesquisa, apresentamos um estudo de caso sobre a editoria de Polícia do jornal impresso *Em Questão* (EQ)², da cidade de Alegrete, localizada na região de fronteira do Rio Grande do Sul com base na Teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão.

O universo da pesquisa considerou para análise 15 jornais regionais, que circulam nas cidades de Alegrete, Pelotas, Uruguaiana, Itaqui, São Borja, Flores da Cunha, Farroupilha, Taquari, Arvorezinha, Viamão, Caxias do Sul, Vera Cruz, Bom Princípio, Venâncio Aires e Frederico Westphalen. Para selecionar o objeto de estudo para este artigo, consideramos quatro edições de cada jornal, publicadas em 2018, alternando mês e semana. Realizamos uma pré-análise do conteúdo de cada edição, segundo método proposto por Bardin (2014), tendo como categoria de análise a representação da cultura local, a partir do vocabulário utilizado nas reportagens policiais.

Neste artigo, apresentamos um recurso para atrair leitores, identificado no *Em Questão*, na editoria de Polícia, por ser uma das sessões mais procuradas pelos leitores, conforme pesquisas feitas pelo proprietário do jornal com seus leitores, o que se repete também em outros veículos do interior e na capital. Ou seja, o noticiário policial é bastante apreciado pelos gaúchos.

O jornal *Em Questão* é um impresso que circula na cidade de Alegrete, também disponível na internet, no estado do Rio Grande do Sul, último estado ao sul do Brasil, que faz fronteira com dois países da América Latina: Uruguai e Argentina. A melhor representação e a mais singular em termos de linguagem regional, vocábulos singulares, gírias, ditos populares e expressões tradicionalistas foi a encontrada nesse periódico, dentre os 15 estudados. Os demais jornais também possuem características próprias, relacionadas à cultura de cada município. Ao longo do ano, novos artigos serão apresentados, após análise completa e situação econômica de cada impresso.

Após a escolha do jornal, selecionamos de forma intencional quatro edições de 2018 do EQ: uma de março, uma de maio e duas de junho. O critério de seleção levou em

² Vamos nos referir ao jornal *Em Questão*, ao longo do texto, utilizando sua sigla (EQ).

consideração a riqueza do vocabulário nessas edições, apresentando grande volume de vocabulário típico da cidade e representativo em termos de cultura local.

A escolha também levou em consideração a formação histórica da cidade e de sua população, origem identitária, cultura e tradição. É a partir do contexto histórico que podemos compreender melhor os hábitos e costumes dessa localidade, conservados até os dias atuais também pelos jornalistas locais.

Pequeno histórico da cidade fronteiriça

A cidade de Alegrete é rica em mitos, folclores e histórias de guerras. O vocabulário dos alegretenses só se assemelha aos das cidades vizinhas, que fazem parte da mesma região de fronteira. Rivaliza com o município de Uruguaiana, que fica a 150km de distância, em todas as situações: festivais, danças, músicas, riqueza cultural, maior número de cavalos. Essa é uma tendência universal. Cidades vizinhas se tornam rivais.

A rivalidade dos dois municípios é tão forte que virou tema de filme, de trovas, de poemas, de literatura, de comédia, de composições musicais e da imprensa. Além disso, o mais popular humorista do Rio Grande do Sul, Jair Kobe, que interpreta o personagem “Guri de Uruguaiana”, faz piada utilizando-se do vocabulário e da linguagem dos dois municípios e seus bairrismos, do orgulho pela terra natal e, especialmente, dos exageros de sua gente.

A cidade³ localiza-se no oeste do estado, aproximadamente a 506 quilômetros de distância da capital [Porto Alegre](#). Possui uma população de 78.768 habitantes, de acordo com estimativas do [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística](#) (IBGE, 2019). É o maior município da [Região Sul do Brasil](#) em área territorial, com mais de 7.800 [quilômetros quadrados](#).

As origens do município de Alegrete datam do início do século XIX quando, na guerra de 1801, os aventureiros José Francisco Borges do Canto e Manuel dos Santos

³ Informações sobre a cidade, retiradas do livro “O Município de Alegrete”, de Luiz Araújo Filho, impresso e comercializado em 1908, pela Livraria O Coqueiro, dos Irmãos Prunes, na época proprietários do jornal Gazeta de Alegrete, fundado em 1882, sendo o mais antigo do Estado em circulação e o sexto mais antigo do Brasil. As informações também foram consultadas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do site [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alegrete_\(Rio_Grande_do_Sul\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alegrete_(Rio_Grande_do_Sul)). Acesso em: 9 dez. 2018.

Pedroso, ambos rio-grandenses, conquistaram para a coroa portuguesa o território das missões jesuíticas ao norte do rio Ibicuí.

Para assegurar essa conquista o governo português lançou, ao sul do mesmo rio, a Guarda Portuguesa do Rio Inhanduí em torno da qual forma-se a povoação alegretense. Em 1814, no local, ergueu-se uma capela à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira da cidade de Alegrete. As contínuas lutas de fronteira, entre o Reino de Portugal e os dissidentes ao recém constituído governo das Províncias Unidas do Rio da Prata, provocou o ataque dos uruguaios e a queima da povoação e da capela em 16 de junho de 1816.

Isso causou a transferência dos seus povoadores para a margem esquerda do rio Ibirapuitã até 22 de dezembro de 1816. Antônio José Vargas, senhor da sesmaria, foi o doador das terras onde está a cidade. Mas D. Luís Teles da Silva Caminha e Meneses - quinto Marquês de Alegrete - na qualidade de comandante militar, foi o fundador legal do povoado.

Em 1820, Alegrete foi elevada à Capela Curada, com poderes eclesiásticos nos territórios que abrangem os atuais municípios de Uruguaiana, Quaraí, Livramento, Rosário do Sul e o atual Departamento de Artigas, na República Oriental do Uruguai, até o rio Arapey. Em 1831, pelo ponto estratégico do local, por onde escoavam os produtos primários em direção aos portos de Buenos Aires e Montevidéu, o lugarejo elevou-se à categoria de Vila, demarcando assim seus limites e ganhando autonomia política. Entre batalhas e campanhas, por bravura, determinação e desenvolvimento, a vila de Alegrete foi elevada à categoria de cidade em 22 de janeiro de 1857.

Sobre o Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul é responsável pela mais longa rebelião do período regencial contra a monarquia portuguesa, quando o Brasil ainda era uma colônia de Portugal. A revolta chamou-se Revolução Farroupilha, mas também é conhecida por Guerra dos Farrapos ou Decênio Heróico (1835-1845). Durante quase dez anos os rebeldes do Rio Grande do Sul buscaram legitimar seu movimento contra o Império do Brasil. Neste sentido, as ideias liberais, republicanas e federalistas que haviam se difundido a partir da

Revolução de Maio, no Rio da Prata, ganharam corpo entre algumas lideranças da República Rio-Grandense. Cientes de que a imprensa poderia se constituir num veículo eficiente de propaganda, sucessivamente foram editados os periódicos oficiais do governo revolucionário (GUAZZELLI, 2005).

A guerra eclodiu em 1835 e estendeu-se até 1845. Foi liderada pela classe dominante gaúcha, formada por fazendeiros de gado. Lutaram na guerra os escravos, que receberam a promessa de serem libertados, e as camadas pobres da população.

O Estado foi palco das disputas entre portugueses e espanhóis desde o século XVII. Para os líderes locais, o fim dos conflitos deveria inspirar o governo central a incentivar o crescimento econômico do Sul como pagamento às gerações de famílias que lutaram em defesa das terras portuguesas por muitos anos, mas isso não aconteceu.

A partir de 1821 o governo central passou a impor a cobrança de taxas pesadas sobre os produtos rio-grandenses, como charque, erva-mate e couros. No início da década de 30, do século 19, o governo aliou a cobrança de uma taxa extorsiva sobre o charque⁴ gaúcho a incentivos para a importação do Prata. Ao mesmo tempo aumentou a taxa de importação do sal, insumo básico para a fabricação do produto. Além disso, se as tropas que lutavam nas guerras entre Portugal e Espanha eram gaúchas, seus comandantes vinham do centro do país. Tudo isso causou grande revolta na elite rio-grandense (GUAZZELLI, 2005).

Em 20 de setembro de 1835, os rebeldes entraram em Porto Alegre, capital do Estado, obrigando o presidente da província, Fernandes Braga, a fugir para a cidade litorânea de Rio Grande. O general Bento Gonçalves, que planejou o ataque, empossou no cargo o vice, Marciano Ribeiro. O governo imperial nomeou José de Araújo Ribeiro para o lugar de Fernandes Braga, mas esse nome não agradou os farroupilhas (o principal objetivo da revolta era a nomeação de um presidente que defendesse os interesses rio-grandenses), e esses decidiram prorrogar o mandato de Marciano Ribeiro até 9 de dezembro. Araújo Ribeiro, então, decidiu partir para Rio Grande e tomou posse no Conselho Municipal da cidade portuária. Bento Manoel, também revolucionário, um dos líderes do 20 de Setembro, decidiu apoiá-lo e rompeu com os farroupilhas.

⁴ Charque é o nome dado à carne salgada.

Em 9 de setembro de 1836 os farrapos, comandados pelo General Netto, impuseram uma violenta derrota ao coronel João da Silva Tavares, no Arroio Seival, próximo à cidade de Bagé, fronteira com o país vizinho, o Uruguai. Empolgados pela grande vitória, os chefes farrapos no local decidiram, em virtude do impasse político em que o conflito havia chegado, pela proclamação da República Rio-Grandense. O movimento transformou-se na independência do Rio Grande do Sul, tendo como presidente o general Bento Gonçalves.

A República Rio-Grandense teve três capitais: Piratini, Caçapava do Sul e Alegrete, três cidades localizadas na região de fronteira do Estado com os países vizinhos Argentina e Uruguai. Alegrete foi a última capital da República Rio-Grandense, onde foi escrita e promulgada a Constituição do novo país. Também fez parte desse movimento, a edição de três jornais farroupilhas.

O Povo foi o mais importante periódico oficial da República Rio-grandense. Se autointitulava "jornal político, literário e ministerial da República Riograndense". Foi editado por Luigi Rossetti, italiano carbonário que se aliou aos rebeldes, junto com seu conterrâneo Giuseppe Garibaldi, o herói dos dois mundos. Foi o primeiro periódico publicado depois da proclamação da República Riograndense, iniciando suas funções, com sede em Piratini, de 1º de setembro de 1838 a 6 de março de 1839. Depois o jornal transferiu-se para Caçapava do Sul, continuando a ser editado até 22 de maio de 1840. Foi brevemente editado por Giovanni Battista Cuneo⁵, depois da saída de Rossetti, pouco menos

⁵ **Giovanni Battista Cuneo** – nasceu em Oneglia, Itália, em 1809, e morreu em Florença, a 18 de dezembro de 1875. Foi marinheiro de profissão, destacou-se posteriormente como jornalista, político, escritor e revolucionário italiano, com passagem pela Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul na ocasião em que se formavam as repúblicas do sul da América. Aderiu ao movimento Jovem Itália e em 1833 conheceu Giuseppe Garibaldi em Taganrog, no sul do Mar Negro, a quem apresentou a organização. Mais tarde se encarregou de difundir as ideias de Giuseppe Mazzini entre os imigrantes italianos na Argentina. Morando no Uruguai, apoiou a Revolução Farroupilha, intermediando negócios com Montevidéu. Após a saída de Luigi Rossetti da redação do jornal *O Povo*, viajou de Montevidéu para o território rio-grandense, onde permaneceu pouco tempo. Iniciou suas atividades no jornal farroupilha em sua edição de número 156, do dia 6 de maio, permanecendo no cargo apenas até a publicação do 160º número do periódico, de 22 de maio, já que a tipografia farroupilha foi atacada por tropas imperiais portuguesas e destruída. Cuneo resolveu não ingressar nas fileiras de guerra dos republicanos e retornou ao Uruguai. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Giovanni_Battista_Cuneo. Acesso em: 27 jan. 2019.

de um mês antes do término do jornal, já que a tipografia farroupilha foi atacada por tropas imperiais e destruída.

O Povo era bissemanal, circulava às quartas-feiras e aos sábados, quando não havia interrupção devido a circunstâncias da guerra. Durou mais tempo e teve mais números de edições publicadas do que o jornal farroupilha anterior, *O Mensageiro*. Em Alegrete, foram publicados 36 números de “O Americano”, seguidos dos três exemplares do “Estrella do Sul”, cobrindo o período de 24 de setembro de 1842 a 15 de março de 1843.

Em Alegrete, as matérias de cunho político normalmente reproduziam artigos de pensadores universalmente famosos (Benjamin Constant, Ramón Salas e outros), trazendo a público ideias de Maquiavel, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Hobbes etc.

Antes e após a Revolução Farroupilha, os alegretenses e a população da fronteira, participaram de várias guerras e batalhas envolvendo os países vizinhos e também com seus concidadãos de ideologias opostas. Essa realidade tornou-se cultura em Alegrete e até hoje a população é vista como “guerreira”, bem como as demais que compõem a região fronteira. E como destacou Beltrão, não há melhor laboratório para observar o fenômeno comunicacional do que uma região. É nela que se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, “do intercâmbio de ideias, informações e sentimentos” (BELTRÃO, 2004, p. 57). O português falado na cidade contém muitos vocábulos espanhóis, herdados de uruguaios e argentinos.

Adotando a teoria de Cortazar (1959, apud BELTRÃO, 2004), entendemos por “folclore” o conjunto completo de manifestações que refletem quase todos os aspectos da vida tradicional de um povo, envolvendo todas as expressões da vida do grupo popular em estudo, respondendo “às características folclóricas de regionalismo, funcionalidade e tradição” (1959, apud BELTRÃO, 2004, p. 68). Essas características receberam de Beltrão (2004) o nome Folkcomunicação. Ela congrega camadas da sociedade rural e urbana, alienadas das políticas públicas, com baixa escolaridade e que utilizam meios de folk para a expressão de suas informações, costumes, ideias e anseios, como as trovas, as músicas, os contos, as danças, o artesanato, a gastronomia, as vestimentas, os rituais etc.

Dentro desta perspectiva cultural, reproduzo uma composição famosa, apresentada no Festival da Califórnia da Canção Nativa⁶, na cidade de Uruguaiana, divisa com Paso de los Libres, na Argentina, interpretadas pelo nativista Leopoldo Rassier⁷. As letras das canções revelam, em tom poético, a essência da identidade e cultura gaúcha, presente no imaginário da população.

Na interpretação das músicas nativistas, a voz de Rassier foi reproduzida em todas as rádios do Estado e cantadas com orgulho pelo povo gaúcho desde os anos 70 do século passado. É considerado um dos maiores intérpretes do Rio Grande do Sul: “Não Podemos se Entregá Pros Home”. A leitura das composições é fundamental para compreensão da identidade gaúcha. As músicas de Rassier podem ser ouvidas em: <https://www.lettras.mus.br/leopoldo-rassier/286028/#radio:leopoldo-rassier>.

NÃO PODEMOS SE ENTREGAR PROS HOME

O gaúcho desde piá vai aprendendo
A ser valente, não ter medo, ter coragem
Em manotaços dos tempos e em bochinchos
Retempera e moldura a sua imagem

(Não podemos se entregar pros home

⁶ O movimento nativista gaúcho surgiu com a criação da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, na cidade de Uruguaiana, em 1971. Nas mais diversas cidades do País havia grande movimentação cultural com a realização de festivais de música popular brasileira. O mercado da música gaúcha estava voltado para o regionalismo e o tradicionalismo. A Califórnia da Canção foi promovida por um grupo ligado ao Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sinuelo do Pago, em Uruguaiana. Chegou a atrair 60 mil pessoas. Na década de 80, surgem novos festivais e um verdadeiro turbilhão nativista começa a tomar conta do Estado. Os jovens passam a vestir bombachas e alpargatas, sair às ruas dos grandes centros com suas mateiras e formar rodas de mate nas praças. Na década de 80 surge a primeira emissora de rádio segmentada exclusivamente na cultura gaúcha, a Rádio Liberdade FM).

⁷ Leopoldo Souza Soares Rassier nasceu e se educou em Pelotas, querência de tradições aristocráticas. Era de família rica, de grandes terra-tenentes, bisneto do barão de Souza Soares, da nobreza portuguesa. Rico, bonito como um puma, dono de preciosa voz de tenor, o Leopoldo era o *enfant gaté* do sucesso. Nascido e criado em estância, era o campeiro sem bravatas, mas homem de pé no estribo. Leopoldo Rassier foi pretor peregrinus, juiz do trabalho aprovado em curso, mas não empossado, professor, comunista militante, consultor da Assembléia Legislativa do Estado, fazendeiro, poliglota, viajante incansável (morou em Moscou por dois anos), um dos cinco filhos de Gaston e Olenka. Morreu aos 63 anos, no dia 6 de fevereiro, em Porto Alegre, vítima de câncer. Apesar do sucesso das inúmeras músicas que apresentou nos festivais do Estado, o cantor gravou apenas um disco próprio: Não Podemos se Entregá pros Home (1986).

Mas de jeito nenhum amigo e companheiro
Não tá morto quem luta e quem peleia
Pois lutar é a marca do campeiro)

Com lança, cavalo e no peitão
Foi implantada a fronteira deste chão
Toscas cruzeiros solitários nas coxilhas
A lembrar a valentia de tanto irmão

E apesar dos bons cavalos e dos arreios
De façanhas, garruchas, carreiradas
E a *lo largo* o tempo foi passando
Plantando novo rumo em suas pousadas

E eram cercas, porteiras, aramados
Veio o trator com seu ronco matraqueiro
E no tranco sem fim da evolução
Transformou a paisagem dos poteiros

E ao contemplar o agora dos seus campos
O lugar onde seu porte ainda fulgura
O velho taura dá de rédeas no seu eu
E esporeia o futuro com bravura
[Composição: Humberto Gabbi Zanatta](#)

O que podemos perceber nas canções gaúchas são histórias que evidenciam costumes, crenças, folclore, presentes em diferentes e diversas manifestações e que repercutem intensamente nas camadas mais populares da fronteira, especialmente dos trabalhadores rurais, que lidam no campo aberto nas estâncias. São as formas culturais do viver de um povo, incorporadas ao universo simbólico da comunidade gaúcha.

Essas manifestações culturais rompem o isolamento social que comunidades inteiras são submetidas por imposição das elites. É neste cenário que as manifestações locais - que permeiam as diferenças regionais - eclodem com implicações sociais, econômicas, políticas e culturais, surgindo assim as manifestações de cultura regional como produto derivado das diferenças histórico-geográficas-culturais.

As características acima citadas servem de parâmetros para o diretor do jornal *Em Questão*, de Alegrete, produzir o noticiário policial. Trata-se de um trissemanário que circula nas terças, quintas e sábados, voltado para população de classe média e baixa. A editoria selecionada foi a Policial, onde Paulo de Tarso Pereira, diretor e editor do EQ, implementou uma estratégia para conquistar novos leitores, historicamente afastados da leitura de jornal.

Imagem: Capa do jornal *Em Questão*



Fonte: Jornal *Em Questão*

Pereira (2018) teve como referência o jornal popular Diário Gaúcho (DG), de Porto Alegre, capital do Estado, pertencente ao mesmo grupo de comunicação de Zero Hora (ZH), o jornal com a maior tiragem do estado, do Grupo RBS. O Diário Gaúcho, de periodicidade diária, fundado em 17 de abril de 2000, segue o estilo dos tabloides britânicos, com títulos altamente grifados e em cores chamativas nas capas de suas edições.

Assim como o DG, a sessão policial do jornal alegreense conquistou também parte da classe alta (PEREIRA, 2018), que reconhecem no texto a linguagem da comunidade, as expressões gauchescas, os exageros no uso dos adjetivos, as gírias, os ditos populares, a transferência da linguagem utilizada na lida do campo com os animais (vaca, touro, cavalo, carneiro, cabra, galinha, cachorro, gato, aves, porcos e outras mais). Lembremos que no Rio Grande do Sul só circulam jornais tabloides. Não existe nenhum standard no estado, marca da cultura gaúcha na forma de ler jornal.

Pudemos observar que a editoria de Polícia do EQ enquadra-se perfeitamente no conceito de Folkmídia, o que também motivou sua análise. Buscamos identificar estratégias utilizadas para a conquista e fidelização dos leitores que tenham alcançado êxito. O objetivo final da pesquisa foi identificar uma estratégia popular que, na prática, funciona como motivação para leitura de jornais impressos do interior. Entendemos por Folkmídia a apropriação do *mass media* (rádio, TV, jornal, revista, internet) de elementos folkcomunicaçãois, através de signos que possam transmitir a mensagem desejada, utilizando-se de códigos icônicos, linguísticos ou sonoros, com o objetivo de conquistar audiência.

Para analisar a singularidade da linguagem das cidades fronteiriças, muitas vezes objeto de risos pelos brasileiros de outras regiões, selecionamos três edições de 2018, conforme descrevemos na introdução deste artigo: uma de março, uma de maio e uma de junho. No entanto, neste artigo falaremos apenas de uma das edições para não extrapolar o número máximo de caracteres instituído pela SBPJOR. A escolha considerou a presença de notícias policiais com aspecto folclórico, do ponto de vista da linguagem, incluindo gírias, lugar-comum, neologismos, palavras chulas, vocabulário grosseiro, muitas vezes machista.

Percebemos que os critérios de noticiabilidade dessa seção estão relacionados com um dos aspectos da cultura popular alegretense, onde as pessoas divertem-se com histórias da vizinhança, ou vexames de famílias tradicionais, ou nas vilas, quando elas causam risos por serem excêntricas, singulares e divertidas, ou quando os envolvidos se descontrolam e partem para cima de seus algozes, mesmo se tratando de crimes.

A edição nº 1.871, de 3 de março de 2018, do *Em Questão*, divulgou quatro notícias com títulos e quatro com cartolas e títulos, que foram construídos com linguagem própria da comunidade, gírias, expressões culturais do local. Na análise dos exemplares, verificamos que alguns textos noticiosos empregam pouca linguagem folclórica, às vezes, nenhuma. Por essa razão, apresentamos para análise somente os textos com expressiva representação do linguajar local.

Tabela 1: Títulos e cartolas da página policial em 3/03/2018

Numeração das matérias	CARTOLA	TÍTULOS
1ª		Polícia Civil prende drogas com a cara de Donald Trump

2ª		Por conta de exame de DNA, mulheres entram em conflito pelo messenger
3ª		Filha não aceita a separação da mãe e se desboca , e a acusa de adultério
4ª		Ex-marido furioso fica flitiado e ataca
5ª	SOM NAS ALTURAS	Vizinha sofre com vizinhos sem funda e barulhentos
6ª	BAITA TUFO	Mulher está com dívida sem ter feito as compras
7ª	CADA UMA	Cara vende máquina, não entrega e não devolve o dinheiro
8ª	BARRAQUEIRA	Homem chama a BM ⁸ para evitar alaúsa (sic) com a ex

Fonte: A autora

Tabela 2: Tadução das expressões utilizadas nos títulos

Numeração das matérias	Expressão utilizada	Significado
1ª	A cara de Donald Trump	O rosto de Donald Trump
2ª	Nada singular	Título sem gírias
3ª	(filha) se desboca	Utiliza linguagem grosseira, obscena, repleta de palavras. Analogia ao que não obedece o freio: cavalo desbocado.
4ª	Flitiado	Tonto, atordoado, fora de si. A expressão surgiu por analogia à bomba de inseticida (conhecida por bomba de flit), vendida com uma lata de veneno de marca Flit ou Detefon, muito usada nos anos 60 do século passado para matar mosquitos e outros pequenos insetos.
5ª	sem funda	Abreviatura de “sem fundamento”
6ª	Nada singular	Título sem gírias
7ª	Cara	Gíria que significa homem, pessoa
8ª	Alaúsa (sic)	Grande barulho ou confusão (A correta ortografia é “ alaúza ”)

Fonte: A autora

Tabela 3: Tradução das cartolas

Expressão utilizada	Significado
SOM NAS ALTURAS	Som muito alto
BAITA TUFO	Sofreu um grande golpe; foi enganada
CADA UMA	Inacreditável
BARRAQUEIRA	Que ou aquele que arma confusão ou provoca escândalo

Fonte: A autora

⁸ BM – Sigla de Brigada Militar.

Os textos que acompanham os títulos acima descritos são bem peculiares, singulares por representarem a forma de falar dos alegretenses.

- **2º Título:** Por conta de exame de DNA mulheres entram em conflito pelo messenger
- **Texto:** Uma mulher registrou queixa à atual namorada do seu ex-gato. A namorada do coisa linda mandou uma mensagem: “Me informei que tu pode (sic) fazer um exame de DNA antes do parto, pra saber se o filho que está esperando do Aricleidisson é dele mesmo. Se for, eu mesmo quero que ele assuma a pensão e registre o aricleidissinho (sic), mas caso não, não...”

A mãe do Aricleidissinho (sic), que ainda está a caminho, ficou quente do osso com a mensagem porque o pai do bebê terceirizou a responsabilidade para a atual namorada, não encarando a própria responsabilidade. “Nem quero aquele traste registrando o Cleidissinho”. Ela disse que vai a ferro porque não quer ninguém se intrometendo na sua vida. “Deus está vendo tudo e apontando no caderninho. Depois não reclamem. Não devo moleira”, teria dito.

Expressões populares locais:

- do seu ex gato – do seu ex namorado charmoso, bonito, sensual.
- “do coisa linda” – do namorado (com ironia).
- “ficou quente do osso” - Furiosa.
- “traste” - indivíduo sem caráter; tratante.
- “vai a ferro” - vai com tudo para uma briga, com todas as armas que forem necessárias.
- “não devo moleira” – consciência limpa

- **3º Título:** Filha não aceita a separação da mãe e se desboca e a acusa de adultério
- **Texto:** Uma senhora disse que a filha de 20 anos foi até a sua casa e se desbocou, lhe enchendo a osso, e se enchendo de razão. A mãe, cinquentinha calibrada, disse que a filha está assim porque não aceita o fato de sua separação. A coroa ficou avulsa e a filha não aceita, e lhe chamou até de vagamba.

O motivo, segundo o argumento da filha, é que a mãe teria trocado experiências sexuais com o cunhado, tio da guria, o que desequilibrou a ecologia da família. A mãe não nega e nem afirma e não aguenta mais a pressão da filha.

A guria não engole o fato da mãe ter pedido medidas protetivas contra o pai dela.

Expressões populares:

- Se desbocou - foi grosseira, usou palavrões, desrespeitosa.
- Enchendo a osso – dizendo muitos palavrões, desrespeitosa, grosseira.
- Cinquentinha calibrada – Mulher de 50 anos bem cuidada.
- A coroa ficou avulsa – a mulher ficou sozinha. O substantivo “coroa” denuncia a idade, mais de 50 anos.
- Vagamba – abreviatura de vagabunda.

- A guria não engole o fato – a jovem, a moça, a menina, a garota não aceita o fato.

O relato mostra a forma belicosa, brava, de tratar um assunto de família, o que é bastante comum na comunidade. A expressão “cinquentinha calibrada” é machista. Na expressão “a coroa ficou avulsa” também há um certo desrespeito a senhora, com um toque de machismo, pois a frase é usada na localidade por homens e não por mulheres. O tom das palavras utilizadas é de deboche, gozação com as duas mulheres, desqualificando-as, característica bastante comum nos homens do campo, trabalhadores rurais da região em estudo. Também nesse relato, observa-se que o repórter entrevistou mãe e filha, mas não registra o nome delas, nem deixa escapar qualquer informação que pudesse levar ao reconhecimento das personagens envolvidas no caso. Segundo o diretor do jornal, essa medida foi adotada depois de vários processos judiciais que sofreu, e perdeu, quase chegando à falência.

- **Título:** Ex marido furioso fica flitiado e ataca
- **4º texto:** A dona de um salão de beleza registro(u) queixa contra o ex companheiro, que está cada dia mais violento, e metido a facção sem cabo. Ele tem ataques de raiva e fica extremamente perigoso. Nesta semana ele foi até o local de trabalho da vítima e tentou invadir usando um capacete. Como estava fora de si, a vítima foi buscar ajuda do filho do casal.
Ela disse que o ex estava transtornado e parecia que estava com aditivos químicos nas ideias e que não conseguiam detê-lo até a chegada da BM (Brigada Militar) ao local. Ela disse que o mesmo não aceita o fato de ter sido escanteado, e ainda se acha o dono do campinho, mas que a convivência entre eles se tornou impossível. Pediu medidas protetivas e cartão vermelho da dona Maria da Penha.

Expressões populares:

- Metido a facção sem cabo – metido a valente, mas de fato não é.
- Aditivos químicos nas ideias – drogado
- Ter sido escanteado – deixado de lado (referência ao futebol, escanteio)
- E ainda se acha dono do campinho – o ex-marido acha que é dono da mulher, que manda nela. Sentimento de posse por parte do ex.
- Cartão vermelho da dona Maria da Penha – diz respeito à Lei Maria da Penha, Lei 11340/06 – Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

A expressão “cartão vermelho da dona Maria da Penha” também inclui uma analogia ao futebol. O jogador é expulso quando pratica falta grave. Quando a mulher recorre à Lei Maria da Penha, é porque o marido cometeu algum tipo de violência e terá que se afastar da casa.

Esse texto mostra a reprodução quase *ipsis litteris* da dona do salão de beleza que registrou a queixa. Como é possível observar, o redator do acontecimento reproduz as mesmas expressões usadas pela fonte para relatar o fato, além de incluir outras em analogia ao futebol como “escanteado”, “dono do campinho” e “cartão vermelho da dona Maria da Penha”. Todos eles dão indícios de que o redator da notícia é do sexo masculino, o que confirmamos em entrevista com o diretor do EQ.

Pudemos observar que os redatores do jornal não registram o nome dos envolvidos nas denúncias. Segundo o diretor do jornal, isto é uma medida protetiva para evitar processo judicial, pois, no interior, é bastante comum que as pessoas se sintam ofendidas com as notícias e entrem na justiça pedindo indenização moral. Nas pequenas e médias cidades o número de processos contra os jornalistas é responsável pelo fechamento de muitos veículos. Observamos, ainda, que o verbo “botar” é mais comum do que sinônimos como “colocar” e “atribuir”.

Verificamos ainda que os textos apresentam frases longas, sem a correta pontuação, tornando, às vezes, difícil de compreender por falta de clareza. Essa forma de falar, pelo menos na fronteira gaúcha, é bastante típica de pessoas que lidam no campo, trabalhadores rurais, com um círculo pequeno de amigos ou pessoas da área. Outra característica é que a maioria dos textos não cita a fonte do relato, nem a origem das informações.

As figuras de linguagem são bastante usadas, as analogias e comparações, típicas nas conversas de populares da região. Alguns textos têm um tom de ironia, como se seu autor estivesse zombando dos transgressores. Em um dos casos estudado, o jornalista não revelou o nome de uma vítima e de seu filho, agressor da mãe, mas usou vários adjetivos pejorativos para se referir ao mesmo, além de expressões culturais típicas da região e ditos populares como “não vale o que come”.

O jornal *Em Questão*, como observamos, trata bêbados com nojo, desprezo, com zombaria, atitude que pode ser facilmente observada entre pessoas com renda fixa, salário, boa casa, carro.

Por fim, constatamos que a seção analisada trata de uma comunicação com características folclóricas do regionalismo, funcionalidade e tradição da região. Se ela não estivesse de acordo com os costumes regionais da população, o formato já teria desaparecido do jornal. Mas são essas características que nos permitem chamar a página policial de mídia folkcomunicacional.

Resultados da análise

Observamos que os textos são formulados com um vocabulário bastante utilizado pelas classes populares e até mesmo pela elite intelectual e econômica como criadores de gado, agricultores, grandes empresários e professores da cidade.

A melhor representação e a mais singular em termos de linguagem regional, vocábulos singulares, gírias, ditos populares e expressões tradicionalistas encontram-se na sessão policial do jornal aqui estudado. Através de sua leitura e análise pudemos observar que o discurso aplicado nas matérias jornalísticas coincide com a cultura local, com características de machismo, conservadora, com expressões relacionadas ao comportamento dos animais, especialmente o boi, o cavalo, a ovelha, a galinha, o porco, o cachorro etc. A linguagem revela um comportamento agressivo da população, em tom de guerra, de confronto, com falas altas (gritos), comum nos campos, decorrente, grande parte, dos longos períodos de guerra, mais de um século.

O português falado na cidade contém muitos vocábulos espanhóis, herdados de uruguaios e argentinos, o que não acontece em outras regiões do Brasil. Muito desse vocabulário foi exportado para outras localidades do Rio Grande do Sul, incluindo sua capital. Creditamos muito dessa expansão da linguagem e vocábulos ao movimento tradicionalista, surgido em 1935, especialmente pela popularização de músicas gaúchas, com temas da fronteira-oeste, culinária, dança, hábitos, entre outros.

É interessante destacar que para muitos gaúchos do Estado, a fala dos alegretenses (e de seus municípios vizinhos) é “folclórica”, “engraçada”, motivo de risos e estranhamentos. O que podemos perceber nas canções são histórias que evidenciam costumes, crenças, folclore, presentes em diferentes e diversas manifestações e que repercutem intensamente nas camadas mais populares da fronteira, especialmente dos trabalhadores rurais. São as formas culturais do viver de um povo.

As manifestações locais - que permeiam as diferenças regionais - eclodem com implicações sociais, econômicas, políticas e culturais, surgindo, assim, as manifestações de cultura regional como produto derivado das diferenças histórico-geográficas-culturais.

A sessão policial do jornal alegretense conquistou também parte da classe alta, que reconhece no texto a linguagem da comunidade, as expressões gauchescas, os exageros no uso dos adjetivos, a transferência da linguagem utilizada na lida do campo com os animais (vaca, touro, cavalo, carneiro, cabra, galinha, cachorro, gato, aves, porcos e outras mais). O texto contém gírias, lugar-comum, neologismos, palavras chulas, vocabulário grosseiro, muitas vezes machista.

Enfim, percebemos que os critérios de noticiabilidade dessa seção estão relacionados com um dos aspectos da cultura popular alegretense, onde as pessoas divertem-se com histórias da vizinhança, ou vexames de famílias tradicionais ou de vileiros, quando elas causam risos por serem excêntricas, singulares e divertidas, ou quando os envolvidos se descontrolam e partem para cima de seus algozes.

Vários relatos analisados no jornal revelaram uma forma belicosa, brava, de tratar um assunto de família. O tom das palavras utilizadas é de deboche, gozação com mulheres, em suma, machista, característica presente nos valores de muitos alegretenses.

Observamos, ainda, que, muitas vezes, o relato dos acontecimentos é feito utilizando as falas das fontes, mesmas expressões, mesma pontuação. As frases são longas, sem pontuação, tornando, às vezes, difícil de compreender por falta de clareza. Em outros casos, a linguagem faz menção a termos futebolísticos como “aplicou um balãozinho”, muito usados na oralidade.

Podemos evidenciar que os redatores do jornal não registram o nome dos envolvidos nas denúncias. Conforme o diretor, isto é uma medida protetiva para evitar processo judicial, pois, no interior, é bastante comum que as pessoas se sintam ofendidas com as notícias e entrem na justiça pedindo indenização moral.

Muitas matérias publicadas não respondem as seis questões básicas: o que, quem, quando, como, onde e por quê. No caso de crimes, nem mesmo citam a fonte do relato criminoso.

Na descrição de golpes, as figuras de linguagem são bastante usadas, as analogias e comparações, típicas nas conversas de populares da região. O texto tem um tom de

ironia, como se seu redator estivesse zombando dos transgressores. Vários adjetivos pejorativos são usados para se referir aos agressores, além de expressões culturais típicas da região. Além disso, incidentes envolvendo alcoolistas são tratados com desprezo e zombaria, como acontece com as piadas de bêbados.

Este estudo não teve por objetivo fazer julgamento sobre a prática jornalística do jornal, porém, é claro, não podemos deixar de comentar que há abusos no uso dessa estratégia para conquistar leitores.

Referências

BELTRÃO, L. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

FAGUNDES, Antonio Augusto. Morre um dos símbolos da Califórnia. **Zero Hora Digital**, em 7 fev. 2000. Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/musi/i-lr.htm>. Acesso em: 9 dez. 2018.

FERREIRA, Fábio. A trajetória política de Artigas: da Revolução de Maio à Província Cisplatina. Revista Tema Livre, ed. 03. Disponível em: <http://www.revistatemalivre.com> Acesso em: 10 dez. 2018.

GUAZZELI, Cesar Augusto Barcellos. Textos e lenços: representações de federalismo na república rio-grandense (1836-1845). Disponível em: www.revistas.usp.br/alb/article/download/11604/13373/. Acesso em: 14 dez. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MENDONÇA, Paulo de Freitas. **Regionalismo Gaúcho**. Nativismo. Disponível em: www.nativismo.com.br. Acesso em: 9 dez. 2018.

PEREIRA, Paulo de Tarso. Diretor e editor do jornal Em Questão. Entrevista realizada pela autora em Alegrete, em dezembro de 2018.

SÓ HISTÓRIA. Revolução Farroupilha. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/ef2/revolucaofarroupilha/>. Acesso em: 3 dez. 2018.